

Notícias

PENSAMENTOS – HOMENAGEM A RACHEL DE QUEIROZ

A Revista Jurídica Virtual tem a honra de homenagear Rachel de Queiroz. Bela, imortal, mulher, guerreira. Trabalhadora incansável e defensora do justo. Dona de uma vida de sucessos e representante do pensamento vivo da maioria das mulheres deste nosso Brasil. Nos deixa aos 92 anos, mas deixa também sua obra, seu exemplo.

Rachel de Queiroz

[Rachel de Queiroz para sempre ser lembrada.](#)

COMEMORAÇÕES DO DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

20 DE NOVEMBRO DE 2003

O Excelentíssimo Presidente da República Luiz Inácio LULA da Silva no próximo dia 20 de Novembro de 2003, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, se deslocará para a Serra da Barriga - Quilombo dos Palmares - no Município de União do Palmares, no Estado de Alagoas.

Haverá uma Cerimônia de oferenda floral no túmulo de Zumbi dos Palmares e após uma Cerimônia para o lançamento da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, assinatura do Decreto de Regulamentação do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e assinatura do Decreto de Regulamentação dos procedimentos de Regularização das terras de remanescentes de quilombos.

Haverá, ainda, entrega da "Comenda Mérito dos Palmares" a dez personalidades distinguidas por méritos excepcionais ou por relevantes serviços prestados ao estado de Alagoas, dentre elas, o Excelentíssimo Senhor Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O Editor

Rachel de Queiroz: Para sempre ser lembrada

Dimas Salustiano da Silva

Advogado. Professor de Direito Constitucional da UFMA, Mestre em Direito do Estado (UFPR), Doutorando em Direito Constitucional (PUC-SP), Assessor Técnico para assuntos jurídicos da Casa Civil da Presidência da República (requisitado).

Longe do seu Nordeste, distante de Quixadá no seu Ceará, tivemos que lembrar logo cedo da manhã que a autora e sua obra literária é que é imortal. Os homens e mulheres costumam sempre deixar o mundo dos vivos. A escritora Rachel de Queiroz nos deixou neste 04 de novembro de 2003 para tomar no infinito a forma de estrela no céu azul dos sertões brasileiros, com quase 93 anos, encontrou-se com a morte tranqüilamente durante o sono.

Os nordestinos, ao que parece são como que predestinados, e os exemplos são tantos, a escrever em forma de poesias, contos e romances a dor, a pobreza e as tragédias do seu povo.

Desse modo aos 18 anos, estreou na literatura com um sucesso: "**O Quinze**", já nesse seu primeiro livro a temática escolhida foi a grande seca que assolou o Ceará em 1915. Outras obras de extraordinária importância para a cultura brasileira foram sendo lançadas sucessivamente: **João Miguel; Dôra, Doralina; As Três Marias e Memorial de Maria Moura** (transformado em minissérie pela Rede Globo de televisão).

Para os nossos pequenos ela deixou: **O Menino Mágico (1969), Cafute & Pena de Prata (1986), Andira (1992) e Memórias de Menina (2003)**. É um traço comum, nessas obras para um público infanto-juvenil, as formas de: fazer, viver, criar e brincar, manifestações sempre tão presentes na cultura do sertanejo do Nordeste brasileiro.

Quando o feminismo ainda não havia irrompido nas ruas, quando as passeatas e manifestações pela liberdade sexual e maior democracia nas questões que tangem aos problemas de gênero, ainda não tinham, ganho tanto vigor. Rachel de Queiroz em 1955 ingressa sem favor na Academia Brasileira de Letras (ABL), primeira mulher a entrar para a ABL, conquistou seus pares com um jeito duro, sincero e cativante. Suas crenças quanto a religião foram sempre motivo de comentários por ela própria, e quanto ao seu ofício de escrever: Confessava uma certa preguiça, mas alegava que era a única coisa que sabia fazer nessa vida. Eis aí, uma mulher que deve ser lida e jamais ser esquecida por todos nós brasileiros.

O que nem a morte separa

Em 24 de abril de 1999, o suplemento Vida & Arte, do jornal "o povo" publicava, em Fortaleza, capital do Ceará, uma crônica de Rachel de Queiroz intitulada "O que nem a morte separa", que agora faz parte do livro **Existe outra saída, sim**, das edições Demócrito Rocha.

Trasladaram para a tumba do marido, os restos mortais de Carolina Machado de Assis. Lembram-se do belo soneto: "Querida, ao pé do leito derradeiro..." que ele dedica à mulher morta? O eterno cético nem na dor se desmente: "Trago-te flores, restos arrancados à terra que nos viu passar unidos e ora mortos nos deixa separados..."

Quando morreu Machado, ainda não existia o mausoléu da Academia. Porque não o enterraram no túmulo da mulher? Agora, solenemente repara-se a falta, juntam-se os dois. Mas juntar o quê? - vale perguntar. Duas caixinhas com mais cinzas do que fragmentos de ossos. Então, porque não se juntam as cinzas no mesmo invólucro? Aí, sim, far-se-ia o encontro definitivo.

Costumamos dar muita importância a essas transferências de cinzas, oferecer-lhes local condigno, reunir amantes ou esposos separados; às vezes até transportamos os míseros despojos de num local distante para o outro lado do mar. E é tão pouco, repito, o que se leva no transporte! Digo isso porque já assisti a uma traslação

de pessoa minha e fiquei horrorizada. O caixão já estava de tábuas apodrecidas e os operadores, retirando a tampa afundante, cataram, literalmente cataram, os fragmentos dispersos; um ossinho aqui, umas costelas ali e o que devia ser o crânio estava reduzido a uma meia lua de cor encardida. Ali, no que fora a sede da inteligência, provavelmente a habitação da alma do finado.

Saí de perto correndo, fui me sentar na borda de mármore de um túmulo estranho, e chorei. Mas chorei no vazio, no vácuo. As lembranças da pessoa amada, que tínhamos em casa, nos falavam muito mais que a sepultura - seus óculos, seu velho smoking no guarda-roupa, sua caneta que eu herdara; e o mais rico de tudo: as páginas que deixara escrita.

Mas tudo bem, a gente foi o que pôde: vamos reunir as poucas cinzas resguardadas, embora o que fora substância delas tenha ficado no recanto onde primeiro estiveram. Vamos trasladar praticamente símbolos, mas, o que é a nossa vida, senão uma procissão de símbolos?

Afinal, os símbolos representam a nossa luta contra as durezas da realidade. Os parentes de Carolina, se ainda existirem, irão rezar por ela junto ao túmulo novo, onde foi depositada a caixa com os chamados "restos" dela. Restos, sim, que couberam todos na pequena caixa.

No cemitério existente na fazenda de minha avó, enterram-se todos os defuntos da região. Mas pobre não conhece isso de lápides, nem poderia empregá-las se soubesse. Sobre cada caixão, põem uma cruz de madeira, que pode trazer, gravado a ponta de faca, o nome do falecido. Mas logo a rude cruz se estraga. E, no local do seu dono, como o cemitério é pequeno, assim que é possível, se enterra outro morto. Joga-se fora a cruz do antecessor. E como só recentemente ali se praticam enterros com o defunto num caixão, o jeito é abrir a cova e, se já tem outro ocupante, paciência. Juntam-se os ossos visíveis, faz-se um montinho que se enterra numa escavação lateral, no próprio buraco que vai ser ocupado; e numa cruz nova, tão perecível quanto a outra, se põe o nome do recente hóspede.

Quando a família do primeiro vem, dia de finados, chorar sem morto, já encontra no local o desconhecido. Às vezes eles se irritam e os mais malcriados ameaçam cavar e atirar fora os restos do intruso, mas alguém lhe faz medo; ninguém gosta de bulir com alma do outro mundo. E então manda-se o coveiro cavar com cuidado, para não "ofender" (ou molestar fisicamente) quem chegou primeiro. Afinal de contas, os dois, onde quer que estejam, podem muito bem resolver o assunto entre si.

E já que falamos no assunto, queria fazer um pedido: quando eu me for, gostaria que me enterrassem no cemitério da Califórnia (a fazenda "Califórnia") onde já está a maioria da minha gente. Junto de meu pai, junto a ele, sei que dormirei tranqüila por toda a eternidade; como dormia nos tempos de menina, quando eu chorava de insônia e ele vinha contar uma história para me embalar.